

GUERRA GRANDE: AS RELAÇÕES ENTRE O RIO GRANDE DO SUL E AS FACÇÕES POLÍTICAS URUGUAIAS. (1839-1851).

JULIANA DE OLIVEIRA BIRNFELD¹; FERNANDO DA SILVA CAMARGO².

¹Universidade Federal de Pelotas – julianaabirnfeld@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - fscam@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

De uma maneira mais ampla o tema escolhido para a elaboração da pesquisa refere-se às relações políticas internacionais entre o Uruguai e sul do Brasil. O início da colonização espanhola no rio da Prata ocorreu na primeira metade do século XVI. Após a conquista de Hernán Cortez e Francisco Pizarro, Pedro de Mendonza iniciou a fundação da cidade de Buenos Aires em 1536 e Assunção em 1537. A indefinição de fronteira entre Portugal e Espanha, já existente desde as primeiras ocupações na região, ficou insustentável com a introdução do gado, a extração do couro e a valorização da região do prata, ou seja, a partir da exploração econômica da região.

Essa questão desencadeou dois pontos importantes. O primeiro deles foi uma série de conflitos e tratados, entre Portugal e Espanha que tinham interesse na anexação da região do Rio da Prata ao seu território. Esses conflitos se estenderam até após a independência do Brasil, que ainda continuou envolvida com essa questão, anexando o território do Rio da Prata ao Brasil em 1822, e desencadeando em 1825 a Guerra da Cisplatina. O segundo ponto não deixa de ser uma consequência do primeiro, a partir do momento em que o limite de fronteiras não foi estabelecido permanentemente por um longo período, desencadeou-se nessa região a convivência de habitantes tanto do lado da banda oriental, como dos habitantes da província de São Pedro, no sul do Brasil. Essa convivência possibilitou que surgissem alianças políticas entre os estancieiros no sul no Brasil, e os habitantes da banda oriental. As ideologias políticas uruguaias chegavam ao Rio Grande com mais agilidade e força do que a qualquer lugar do Brasil. Por conta disso, em muitos conflitos até mesmo internos, tanto no Rio grande do Sul, como no Uruguai, com o exemplo da Guerra Grande, observa-se a interferência de líderes de ambos os lados. O foco principal desse trabalho é justamente a Guerra Grande e o envolvimento do Rio Grande do Sul na questão, motivo que desencadeou a interferência do Brasil somente no final da Guerra.

A guerra grande ocorrida em território Argentino e Uruguai entre os anos de 1839 e 1851 está vinculada com o enfrentamento ocorrido entre os partidos *blanco* (federalistas) e *colorado* (unitários). O envolvimento do Brasil na guerra foi tardio por conta de dois interesses principais, que necessitavam serem garantidos pelo império brasileiro. O primeiro deles era consolidar a paz e assegurar os territórios do Rio Grande do sul para o Brasil, ao mesmo tempo em que ocorria a revolução farroupilha sendo que esta contava inicialmente com aliados no outro lado da fronteira. Até determinado momento esses aliados estavam vinculados com Oribe e Rosas, porém após Riveira ser exilado no Rio Grande do Sul ganhou, a partir de Bento Ribeiro, apoio dos farrapos. Essa medida de certa forma tranquilizou o governo central do Brasil, visto que o presidente oficial do Uruguai não estava apoiando os revoltosos farroupilhas. Porém essa era a segunda preocupação do Brasil com relação aos conflitos uruguaios: manter Oribe sem motivos para apoiar a revolução farroupilha. É por conta desse fator que o Brasil irá intervir nos conflitos da Guerra Grande somente no último ano de guerra, em 1851.

COMIRAN; FERNANDO (2010), analisa que o cenário político platino tinha de um lado os portenhos com o projeto de formar um grande Estado, que seria as Províncias Unidas do Prata, e de outro lado os povos da banda oriental liderados por Artigas, promovendo a ideia de uma confederação com províncias autônomas e interligadas entre si. Nessa perspectiva o envolvimento de alguns habitantes do Rio Grande do Sul com essas ideologias foi inevitável. A guerra entre Riveira e Lavalleja após a independência do Uruguai em 1828, acabou aproximando Lavalleja de Bento Gonçalves, e essa aproximação possivelmente permitiu que se fortalecessem ideologias, como por exemplo, a ideia de províncias autônomas interligadas entre si, representadas pelo partido dos Blancos. Em um contexto de descaso com a Província do Rio Grande, e de descontentamento por boa parte da elite rio-grandense com o governo central do Brasil, a aproximação com essas ideias vindas dos vizinhos da banda oriental, desencadeou grandes influências no Rio Grande do Sul.

GABRIELA; FERREIRA (2006), citando DEMETRIO MAGNOLI analisa que “as singularidades da formação histórica do espaço geográfico do Rio Grande”, bem como, “esse contexto de formação de Estados Nacionais, marcado pela instabilidade da geografia política platina”, acabou gerando muitas possibilidades de arranjos políticos. Essa questão explica a ligação política entre o Rio Grande do Sul e a banda oriental. É a partir dessa relação que se dá o envolvimento do Rio Grande na Guerra Grande, e mesmo que indiretamente essa relação causou importantes consequências. GABRIELA FERREIRA (2006), citando MARIA PADOIN afirma que “o espaço fronteiriço naquele contexto, foi um espaço de fermentação de projetos federalistas diversos” (p. 89). Dessa forma, com o início da revolução farroupilha em 1835 a autora afirma que Bento Gonçalves continuava a se relacionar com Lavalleja e Rosas, até então inimigos de Oribe, porém essa situação mudaria em breve. Os farrapos passaram a ver em Oribe um novo aliado para a sua causa, após o rompimento do mesmo com seu antecessor, Riveira. Essa situação não agradou nada ao governo brasileiro, até mesmo porque já se sabia das propostas feitas pro Rosas a Bento Gonçalves de anexação do Rio Grande do Sul à Argentina. Porém como o jogo político era inconstante, após o Riveira ser exilado no Rio Grande, este passou a ser um aliado dos farrapos por intermédio de Bento Ribeiro como já foi dito acima.

Com a revolução farroupilha o Brasil teve que agir com cautela com relação a sua intervenção no andamento da Guerra Grande. Ainda que o mais novo aliado do Rio Grande do Sul não fosse muito ameaçador quanto Oribe, o governo brasileiro não queria dar motivos a Oribe e Rosas para que os mesmos viessem a acabar com a Paz recém-estabelecida no Rio Grande. ALFREDO DE CARVALHO (1996), bem como GABRIELA FERREIRA (2006), concordam com o fato de que assegurar o território do Rio Grande do Sul e manter a paz consolidada era a prioridade no momento. GABRIELA FERREIRA acrescenta, porém, que o Brasil hesitou em intervir na guerra em um primeiro momento, mesmo com o término da revolução farroupilha. Isso porque “alguns fatores estruturais que estavam na origem da rebelião rio-grandense sobreviveram ao seu desfecho” (pág. 91).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho foi baseada em uma análise comparativa de algumas bibliografias existentes sobre o assunto. Analisando comparativamente os argumentos atualmente utilizados pela historiografia em geral brasileira e uruguaia, com relação ao tema proposto, com foco principal na questão de política e relações internacionais. Foi utilizada como método de

pesquisa uma revisão bibliográfica auxiliada de uma análise comparativa das principais historiografias sobre o assunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se até o presente momento da pesquisa certo vácuo historiográfico sobre a questão específica da Guerra Grande. As relações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai no período entre os anos de 1828 e 1839 também sofrem com essa defasagem historiográfica, dessa maneira o que se buscou até o presente momento foi uma análise de acontecimentos antecedentes ao período em questão, que de certa forma explicam as raízes dessas relações políticas, que se estabeleceram entre o Rio Grande e o Uruguai, e que também possuem relações indiretas dessa ligação política na Guerra Grande, bem como na relação com o Brasil e o Uruguai.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a relação política do Rio Grande do Sul com o Uruguai na primeira metade do século XIX teve importantes consequências, como por exemplo, a tardia intervenção do governo brasileiro na Guerra Grande. E ainda que, essa relação é consequência de longos anos de conflitos fronteiriços que acabaram por desencadear uma convivência entre os povos da banda oriental e do Rio Grande do Sul.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Alfredo. **Retrospecto da Guerra contra Rosas**. Porto: TYP da empreza litteraria e typographica, 1916.
- COMIRAN, Fernando. **“Portugal no Uruguai”**: *um debate sobre a intervenção portuguesa na Banda Oriental do Uruguai. 1816. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.*
- DEVOTO, Juan. **El arreglo de los campos**: *raíces coloniales de la revolución Oriental*. Montevideú: Editorial Medina, 1974.
- FERREIRA, Gabriela. **O Rio da Prata e a Consolidação do Estado Imperial**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- LAURINO, Carolina. **Lá construcción de la identidad uruguaya**. Montevideú: Ediciones Santillana, 2001.
- REICHEL, Heloísa Jochims; GUTFRIEND, Ieda. **Fronteiras e guerras no prata**. São Paulo: Atual, 1995.